

SOCIEDADE



A RESSACA DA LEI SECA

DESFALCADAS E INSUFICIENTES, AS BLITZ JÁ NÃO ASSUSTAM OS PAULISTANOS. A MAIORIA DIRIGE ALCOOLIZADA - E O NÚMERO DE ACIDENTES VOLTOU A CRESCER. POR QUE É TÃO DIFÍCIL MUDAR ESSE COMPORTAMENTO?

POR RAFAEL BARIFOUSE

SOCIEDADE



Durou pouco a política de tolerância zero para motoristas embriagados. Três anos e três meses após a entrada em vigor da lei 11.705 – a Lei Seca –, é cada vez menor o número de

condutores que a respeitam em São Paulo. Por quatro noites, sempre às sextas-feiras e sábados, Época SÃO PAULO percorreu as principais zonas boêmias da cidade e convidou 100 motoristas recém-saídos de bares ou baladas a fazer um teste do bafômetro. O resultado: 79 estavam alcoolizados.

Se fossem parados numa blitz de verdade, 43% desses condutores seriam beneficiados pelo limite de tolerância, de 0,33 mg/l (miligramas de álcool por litro de ar expelido), enquanto 57% seriam multados e teriam a habilitação suspensa. Um em cada quatro não apenas perderia temporariamente o direito de dirigir como seria encaminhado à delegacia mais próxima, com alcoolemia suficiente para configurar crime (superior a 0,33 mg/l). Em um dos casos, o índice chegou a 0,79 mg/l, seis vezes o máximo tolerado (confira quadro na pág. ao lado).

São muitas as explicações dadas por quem ainda dirige alcoolizado. Morar perto foi uma justificativa recorrente. A maioria disse confiar na própria capacidade de manter o controle. “Quanto mais louco eu estou, mais devagar vou”, disse um motorista, com 0,43 mg/l. Mesmo quando os testes tiveram resultado negativo, houve quem dissesse ter tomado um chope ou duas taças de vinho. Nesses casos, o alimento ingerido ou o tempo decorrido desde o último gole contribuem para anular a presença do álcool. Raro foi encontrar quem tivesse abdicado do copo. “Moro no ABC e prefiro não arriscar”, disse um rapaz. Em geral, os motoristas sabiam que estavam infringindo a lei e até preocupavam-se com a fiscalização – mas só um pouco. “Tenho medo de cair numa blitz, mas não o bastante para deixar de dirigir; não sou obrigada a soprar o bafômetro”, disse uma motorista, com 0,66 mg/l. “Mudo de caminho, mas não de atitude”, disse, com 0,23 mg/l, a estudante A. R., de 23 anos.

Quando criada, em 2008, a Lei Seca tinha como principal objetivo mudar o comportamento dos motoristas. Na prática, não foi o que aconteceu. Uma enquête com mil pessoas realizada em setembro pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa Social (IBPS) a pedido de Época SÃO PAULO mostra que apenas 34,8% dos paulistanos deixaram de dirigir após consumir bebidas alcoólicas (leia na pág. ao lado). Alguns afirmam beber em menores proporções que antes. Metade dos mil entrevistados, no entanto, não mudou a atitude. Ao mesmo tempo, 81% disseram jamais terem sido parados em uma blitz – e, dos que revelaram terem dirigido depois de beber pelo menos uma vez no último mês, 80,5% garantiram que obedeceriam à lei se houvesse mais fiscalização.

A constatação feita pela reportagem – e confirmada pela pesquisa do IBPS – coincide com a sequência de acidentes trágicos noticiada nos últimos três meses. Num dos mais recentes, em 18 de setembro, o auxiliar de bibliotecário Marcos Alexandre Martins, de 33 anos, atropelou e matou Miriam Baltresca, de 58, e sua filha Bruna, de 28, ao avançar sobre a calçada em frente ao Shopping Villa-Lobos. Segundo o delegado do caso, havia indícios de que ele estava alcoolizado. Seis dias antes, na mesma Marginal do Pinheiros, um rapaz de 20 anos foi arremessado de seu Mercedes ao bater em uma mureta, capotar e colidir com uma viatura da polícia. Ele havia bebido, sozinho, duas garrafas de vinho. Em 8 de julho, um Porsche a 150 quilômetros por hora bateu no Tucson de Carolina Santos, de 28 anos, que morreu na hora. O condutor, Marcelo de Lima, 36, dava sinais de ter bebido. Três semanas depois, o

A MAIORIA NÃO SABE O QUE DIZ A LEI.
TAMBÉM NÃO TEME SE ARRISCAR
AO VOLANTE POR CONFIAR NA PRÓPRIA
CAPACIDADE DE MANTER O CONTROLE.
POUCOS DEIXARAM DE BEBER

O COPO CONTINUA CHEIO

Época SÃO PAULO fez o teste do bafômetro com 100 motoristas paulistanos na saída de bares e baladas. A maioria dirigiu depois de beber

100 MOTORISTAS

21 Sóbrios

79 Beberam

Para os testes realizados durante quatro noites com pessoas recém-saídas de bares e baladas da cidade, usamos um **etilômetro Elec**, cedido e verificado pelo Ipem-SP. Convidamos homens e mulheres entre 18 e 34 anos a passar pelo teste com a garantia de anonimato. Mesmo entre os resultados negativos, houve quem confessasse ter bebido. Nesses casos, a quantidade de alimento ou o tempo decorrido desde o último gole contribuíram para anular o álcool



34
Dentro do limite de tolerância*

*até 0,13 mg/l (miligramas de álcool por litro de ar expelido)

**mais de 0,33 mg/l

45
Fora do limite de tolerância

Papo de bar A Lei Seca não preocupa os condutores flagrados alcoolizados

“Sei meu limite. Posso guiar sem problemas”
homem de 32 anos (0,79 mg/l)

“Mudo de caminho, mas não mudo de atitude”
mulher de 23 anos (0,23 mg/l)

“Nem considere não beber. A gente sai na sexta pra quê?”
mulher de 30 anos (0,49 mg/l)

“Não tenho medo porque o teste não é obrigatório”
mulher de 28 anos (0,66 mg/l)

19
Crime**

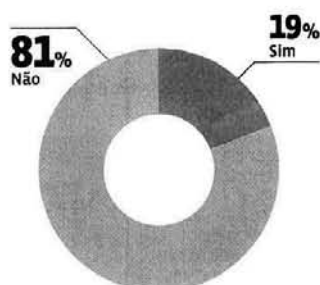
26
Multa

ÁLCOOL NA PISTA

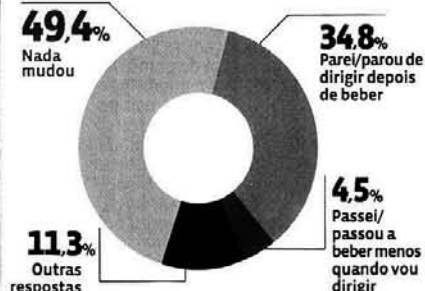
Levantamento exclusivo feito pelo Instituto Brasileiro de Pesquisa Social (IBPS) revela o baixo impacto das fiscalizações no comportamento dos paulistanos

Universo: **1000** pessoas residentes em São Paulo
Margem de erro: **3,1%**

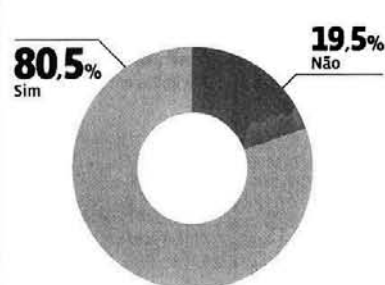
VOCE OU ALGUÉM DE SUA FAMÍLIA JÁ FOI PARADO EM UMA BLITZ DA LEI SECA?



VOCE OU ALGUÉM DE SUA FAMÍLIA MUDOU DE ATITUDE EM RAZÃO DA LEI SECA? O QUE MUDOU?*



VOCE OBEDECERIA À LEI SECA SE HOUVESSE MAIS FISCALIZAÇÃO?*



*Não foram consideradas as respostas de quem afirmou não beber nem dirigir. **Consideradas apenas as respostas de quem afirmou ter dirigido depois de beber ao menos uma vez no último mês

SOCIEDADE

► administrador Vitor Gurman, de 24 anos, foi atropelado e morto pela nutricionista Gabriella Pereira, 28, na Rua Natingui, na Vila Madalena. Ela disse ter tomado apenas um drinque no jantar. Gurman voltava para casa a pé para não dirigir depois de beber.

Essas mortes engrossam as estatísticas de vítimas em São Paulo. O primeiro semestre de 2011 teve o maior número de homicídios culposos no trânsito desde a entrada em vigor da Lei Seca, em 2008, segundo dados da Secretaria de Segurança do estado. Foram 378 mortes, 12% a mais que as registradas no mesmo período de 2010. Mantida a tendência, será o ano mais violento desde o início da vigência da lei.

EPIDEMIA

No estado de São Paulo, a taxa anual de mortes no trânsito é de 11 por 100 mil habitantes, acima do limite de 10 por 100 mil usado pela Organização Mundial de Saúde (OMS) para identificar uma "epidemia". Na última década, foram 1,5 milhão de feridos e 55 mil óbitos. Se carros e motos são as armas que mais matam, o álcool costuma ser a bala. "Ele é a causa mais proeminente de acidentes", diz Mauro Augusto Ribeiro, presidente da Associação Brasileira de Medicina do Tráfego (Abramet). "A bebida está presente em 50% dos casos fatais e em 30% dos não fatais." Para o ex-auxiliar administrativo Adriano Silva, de 23 anos, o susto veio depois de cinco horas bebendo.

Em dezembro de 2009, ele levava um amigo ao terminal de ônibus quando perdeu o controle da moto. "Você quer ser macho e mostrar que pode dirigir", diz. "Fiz uma vez, duas, três... Uma hora tinha de acontecer." Silva ficou em coma por dois meses. Após quase dois anos de tratamento na Associação de Assistência à Criança

DE JANEIRO A JUNHO, HOVE 12% MAIS MORTES NO TRÂNSITO DA CAPITAL DO QUE NO PRIMEIRO SEMESTRE DE 2010. MANTIDO O RITMO, SERÁ O ANO MAIS VIOLENTO DESDE O INÍCIO DA LEI SECA

Deficiente (AACD), anda e fala com dificuldade. O amigo a quem dava carona quebrou uma vértebra, recebeu pinos na coluna e precisará fazer mais uma cirurgia para trocá-los. "Vou ficar bom em cinco ou dez anos", diz Silva. "Mas ele vai carregar os pinos para sempre."

Antes da Lei Seca, era permitido beber até 0,3 mg/l, o equivalente a três latas de cerveja, em média (a comparação varia em razão da estatura, do sexo e da quantidade de alimento ingerida). Hoje, quem apresenta mais de 0,13 mg/l é multado em R\$ 957 e tem a habilitação suspensa por 12 meses. Índices superiores a 0,33 mg/l passaram a configurar crime, com pena de seis meses a três anos de detenção. Na prática, o maior trunfo da lei foi vir acompanhada por um número inédito de fiscalizações. Pela primeira vez, os motoristas sentiram o risco real de ser punidos e não ousaram pagar para ver. Muitos deixaram de beber – ou de voltar para casa dirigindo.

Obtida com exclusividade por Época SÃO PAULO, a primeira pesquisa do país a analisar o impacto da Lei Seca, feita pelo cientista Gabriel



UMA DOSE, DUAS MEDIDAS

Entenda por que a operação lei seca no Rio de Janeiro, adotada como referência pela Organização Mundial da Saúde, é mais eficiente que a realizada em São Paulo

CIDADE	EFETIVO	QUANDO	COMO FUNCIONA	METAS
RIO DE JANEIRO	52 policiais (divididos em sete equipes)	Todos os dias, com metade do efetivo de domingo a terça	Fixada em um mesmo local por seis horas, utiliza recursos visuais para chamar a atenção. Cadeirantes e agentes do governo distribuem material educativo	Abordar 150 motoristas por blitz
SÃO PAULO	250 policiais (divididos em 17 equipes)	Todos os dias, com um quinto do efetivo de segunda a quarta	Muda de lugar até quatro vezes por noite para aproveitar o "elemento surpresa" e não usa sinalização especial. Em oito horas, quatro são dedicadas a abordagens.	Não tem

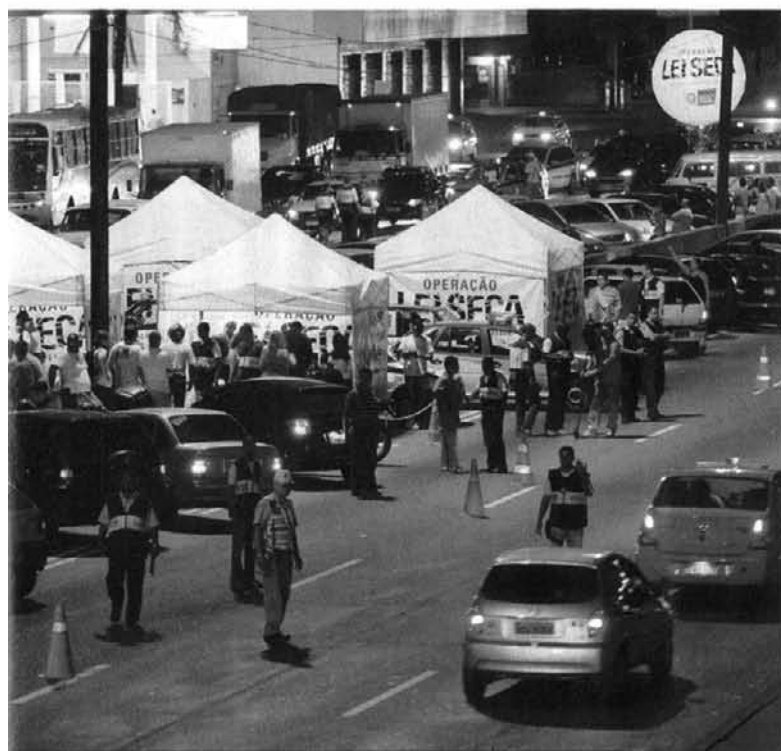
Andreuccetti, mostra que as novas regras geraram uma redução de 16% na média mensal de mortes na capital paulista ao longo dos dois primeiros anos. "A lei levou a um consumo mais moderado, principalmente onde a fiscalização era maior", diz Andreuccetti. Também nos primeiros meses, a Secretaria Estadual de Saúde anunciou uma redução de 40% nas internações por acidentes de trânsito na rede pública. Nos últimos três anos, porém, enquanto o número de condutores no estado cresceu 10%, as internações acumularam um aumento de 29%. O custo desses atendimentos atingiu R\$ 57 milhões ao ano – o suficiente para construir um hospital com 200 leitos. "Aumentou não apenas o número como a gravidade das internações, o que é um grande indicativo da ineficácia da lei", diz a médica Júlia Greve, presidente do Instituto de Ortopedia e Traumatologia do Hospital das Clínicas da USP (OIT). "Os hospitais estão cheios de

gente que não respeita as regras. E o sistema de saúde está sendo espoliado por isso."

CADÊ A BLITZ?

A principal razão desse recuo parece ser o declínio na intensidade das fiscalizações. "Que blitz? Nunca vi essa tal de blitz", diz uma motorista (0,05 mg/l) na porta de uma balada em Pinheiros. Durante duas madrugadas, percorremos 165 quilômetros nas cinco regiões da cidade, incluindo as 15 principais avenidas e todas as zonas boêmias. Apenas três blitzes foram encontradas. "Ainda tem blitz, mas é insuficiente", diz Mauro Augusto Ribeiro, da Abramet. "A fiscalização diminuiu e as pessoas voltaram a beber", afirma Júlia Greve, do Hospital das Clínicas. A Polícia Militar contesta a avaliação feita por esses especialistas. "Aumentamos a fiscalização, principalmente em 2010", diz o capitão Paulo Sérgio Oliveira, diretor da divisão técnico-operacional do Comando de Policiamento de Trânsito (CPTran), que coordena a Operação Direção Segura na capital. Segundo ele, o número de condutores fiscalizados por ano triplicou e o índice de motoristas embriagados caiu. A falta de efetivo é, hoje, o maior problema (leia na pág. 68). Mas não é o único, como Época SÃO PAULO constatou ao acompanhar uma operação.

Numa noite de domingo, a fiscalização começou com dez policiais, o mínimo estabelecido pelo regulamento da PM. Seis estavam de férias, doentes, em cursos ou haviam sido remanejados. ▶



FISCALIZAÇÃO OSTENSIVA
Blitz na Avenida Brasil, no Rio de Janeiro. A operação usa tendas e balões para ajudar a coibir o consumo

ABORDAGENS				REDUÇÃO DE MORTES	
415,7 mil motoristas em 2 anos e 5 meses	14,3 mil por mês (média)	ou 1 em cada 194 condutores	1,2 % flagrados alcoolizados	32 %	O Rio lidera o ranking de redução de mortes por estado. São Paulo é o sexto. O Rio foi reconhecido no exterior. São Paulo carece de louros. O Rio recebeu delegações de sete estados. São Paulo não está entre eles
460,7 mil motoristas em 3 anos e 3 meses	12,1 mil por mês (média)	ou 1 em cada 474 condutores	3,5 % flagrados alcoolizados	6,5 %	

Com nove meses a mais, São Paulo fez apenas 10% mais abordagens que o Rio. Na média mensal, a capital paulista (que tem o dobro de motoristas) fiscalizou 18% menos que a capital fluminense

SOCIEDADE



FLASHES DA EPIDEMIA
Em sentido horário:
(1) o Mercedes só parou de capotar ao bater numa viatura na Marginal do Pinheiros; (2) protesto no asfalto da Rua Natingui pela morte de Vitor Gurman; (3) destroços após colisão de Porsche e Tucson no Itaim Bibi; (4) parentes se despedem de mãe e filha atropeladas na calçada em frente ao Shopping Villa Lobos



► A cada motorista parado, um policial faz um teste preliminar. Se der positivo, o condutor tem a documentação checada e faz um segundo teste. Esse processo costuma durar 15 minutos – mas pode demorar mais quando há problemas na bateria do equipamento (algo bastante frequente, segundo os policiais). Quando o teste indica crime, um dos homens leva o motorista à delegacia, desfalcando a equipe. Ou seja: quanto mais motoristas flagrados, menor a fiscalização. Se o efetivo cair muito ao longo da operação, pode ser necessário encerrá-la mais cedo. Foi o que aconteceu na jornada acompanhada pela reportagem. Naquela noite, 180 motoristas fizeram o teste, seis foram multados e

dois autuados criminalmente. O estudante Felipe Boscaini, de 22 anos, foi parado com 0,20 mg/l de álcool perto da Estação Cidade Universitária da CPTM. “Tomei três chopes, mas não fiz nada de errado”, disse. “Estava tranquilo, porque fazia muito tempo que eu não via blitz aqui.”

O EXEMPLO DO RIO

O estado de São Paulo ficou em sexto lugar no ranking nacional do Ministério da Saúde, com uma redução de 6,5% das vítimas de acidentes de trânsito no primeiro ano da Lei Seca – pouco acima da média nacional, de 6,2%. Já o estado do Rio de Janeiro lidera a lista, com uma redução de 32% no mesmo período. Segundo o major Marco Andrade, coor-

“OS HOSPITAIS ESTÃO CHEIOS DE GENTE QUE NÃO RESPEITA AS REGRAS. O SISTEMA DE SAÚDE ESTÁ SENDO ESPOLIADO”, DIZ A MÉDICA JÚLIA GREVE, DA TRAUMATOLOGIA DO HC



SUPERAÇÃO
Adriano Silva se acidentou de moto em 2009 e ainda anda com dificuldade. O amigo que estava na garupa ganhou pinos na coluna. "Fui irresponsável"

denador da operação fluminense, a intensidade e a persistência do trabalho explicam o resultado. Ali, a Lei Seca virou prioridade do governo. Uma comissão com membros do poder executivo, da PM e do Detran gere o projeto. Em São Paulo, essa função cabe apenas à PM – e a escassez de recursos humanos se transforma em um entrave de grandes proporções. "Cada órgão tem suas dificuldades e, ao integrá-los aqui no Rio, otimizamos recursos", afirma o major Andrade.

A comparação entre as duas cidades revela uma fiscalização mais intensa para os cariocas. Em São Paulo, 460,7 mil motoristas foram testados desde o início da lei. No Rio, onde a operação começou com nove meses de atraso, foram 415,7 mil abordagens (confira quadro na

pág. 64). As médias mensais mostram que a capital paulista, com o dobro de motoristas, fiscalizou 18% menos que a capital fluminense. A cada mês, segundo a média histórica, um em cada 194 condutores sopra o bafômetro no Rio. Em São Paulo, apenas um a cada 474. O engenheiro Wilson Bertolucci, de 26 anos, sentiu a diferença ao se mudar para o Rio há seis meses. "Estou maneirando, porque lá a lei fica em cima", afirma.

Nas blitz cariocas, nas quais nenhum bafômetro é soprado sem que o condutor saia do veículo (para evitar subornos, por exemplo), 26 cadeirantes e agentes do governo abordam motoristas e distribuem material educativo. O mesmo trabalho é feito em bares e baladas. Essa equipe ainda dá palestras em escolas, universidades e empresas. Apenas em junho, 52 mil pessoas assistiram a elas. Não há paralelo em São Paulo. Depois de algum tempo sumidas, as campanhas educativas só voltaram à cidade no mês passado, por ocasião da Semana Nacional do Trânsito. Em geral, é a sociedade que acaba se organizando. Um exemplo é a associação Viva Vitão, criada por amigos de Vitor Gurman, o jovem atropelado na Rua Natingui. Além de distribuir material educativo e promover palestras, o grupo colocou na pauta da Câmara, graças ao vereador Floriano Pessaro (PSDB), um projeto de lei que proíbe a venda de bebida alcoólica nos postos de gasolina.

MARKETING OU RIGOR?

Enquanto São Paulo procura um caminho, o programa fluminense foi adotado como modelo pela OMS. Delegações de sete estados já foram até lá aprender. São Paulo não está entre eles. "O Rio é mais marketeiro, no bom sentido", diz Oliveira, da operação paulista. "Talvez devêssemos investir nisso." Pela lógica do capital, o marketing seria uma das explicações para o grande número de celebridades autuadas no Rio. Questionado se famosos não dirigem alcoolizados em São Paulo, Oliveira esboça um sorriso: "Aqui a gente não divulga isso". Curiosamente, a blitz que acompanhamos chegava ao fim quando a atriz Mariana Ximenes foi parada. Mas ainda não foi dessa vez que São Paulo registrou o flagrante de uma celebridade autuada pela Lei Seca. O resultado de 0,08 mg/l indicado no bafômetro soprado por ela estava dentro do limite tolerado. Aliviada, Mariana afirmou andar de táxi ➤

SOCIEDADE

FAROL BAIXO

APM criou novas equipes e triplicou o número de fiscalizações desde 2008. Mas o número de mortes voltou a crescer

Asensação é de impunidade, embora os números da Polícia Militar mostrem que nunca se fiscalizou tanto quem bebe e dirige. Até abril de 2010, a Operação Direção Segura só acontecia de quinta-feira a domingo na capital. Hoje, é diária. O número de equipes saltou de 11 para 17 e o de policiais de 165 para 250. O reforço se fez sentir no total de condutores abordados: de 50 mil, em 2008, o número pulou para 150 mil, em 2010. A meta é passar de 200 mil neste ano.

“MUDAMOS O COMPORTAMENTO DE PARTE DA POPULAÇÃO. TALVEZ A LEI ESTEJA DESACREDITADA”

CAPITÃO DA PM PAULO SÉRGIO OLIVEIRA

A nova realidade fez o total de óbitos cair pela primeira vez na década. O mesmo aconteceu com o número de motoristas embriagados. Segundo a PM, do total de condutores abordados em 2007, 17% haviam bebido. Hoje, são 2,5%. “Mudamos o comportamento de parte da população”, diz o capitão Paulo Sérgio Oliveira, do Comando de Policiamento de Trânsito, à frente dos trabalhos.

É pouco. Em especial quando se avaliam os resultados obtidos no Rio e os novos índices de aciden-

tes no trânsito. Quase 5 mil pessoas morreram nas ruas e rodovias do estado em 2010. Só no primeiro semestre de 2011, houve 378 óbitos na capital, 12% a mais que o número de mortes registrado no mesmo período do ano passado. Oliveira não esconde a agitação diante dos números. “Talvez a lei esteja desacreditada”, diz. “As pessoas podem sentir que não estão sendo fiscalizadas.”

Faltam argumentos para justificar o descompasso entre as estatísticas. Parte da razão está no próprio trabalho desenvolvido pela PM. O efetivo aumentou com o remanejamento de funcionários administrativos, mas só três das 17 equipes são usadas de segunda à quarta-feira. Não raro, é preciso deslocar policiais para outras ocorrências, como ar-

rastões e assaltos. Mesmo quando a fiscalização atua com força total, só há três equipes em cada região da cidade. “O tapete é curto”, diz um Oliveira desconcertado, esquecendo-se por um instante de que a conhecida expressão se refere a cobertor (e não a tapete). “Fechar São Paulo exigiria o dobro de gente”, afirma. Agora, um novo aumento do efetivo está em estudo. A medida prevê reincorporar 130 policiais que foram cedidos ao Detran para atuar na fiscalização de veículos.

■ sempre que bebe. Por que não o fez naquela noite? Diplomática, contornou o assunto e se despediu: “Vai ver minha peça!”

Celebridades ou não, todos podem usufruir uma margem de tolerância que não constava na primeira redação da lei. Graças a ela, a prometida tolerância zero virou tolerância zero vírgula treze. Essa decisão foi tomada pelo governo, com participação do Inmetro, com a intenção de evitar falsos positivos, que poderiam ser causados por bombons com licor, enxaguantes bucais ou desvios do bafômetro. Policiais e técnicos, no entanto, dizem que os bafômetros não acusam falsos positivos. Na prática, a tolerância virou leniência com quem descumpra as regras.

BRECHA NA LEI

Ainda há quem se recuse a fazer o teste, agarrando-se a uma brecha na lei que se popularizou como garantia constitucional, mas que advém do Pacto de San José da Costa Rica, assinado pelo Brasil. O documento internacional diz que ninguém é obrigado a produzir provas contra si. Virou uma forma de escapar de punições. “Sem exame de bafômetro ou de sangue, é impossível prender alguém, porque não se consegue comprovar o índice”, diz Maurício Januzzi, diretor de assuntos de trânsito da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). “A lei caiu no vazio. Isso gera impunidade.” De olho nisso, um projeto de lei em tramitação no Senado propõe, agora, a possibilidade de prisão para todo motorista embriagado, independentemente da concentração de álcool, o que permitiria incriminar também quem se recusa a soprar o bafômetro.

Enquanto isso, o copo do paulistano continua cheio. “Não sei explicar por que continuo a dirigir depois de beber”, diz a atriz Livia Kuntz, de 27 anos, flagrada com 0,39 mg/l na blitz acompanhada pela reportagem. Meses atrás, seu namorado foi multado pelo mesmo motivo e, apesar disso, ela não mudou de comportamento. “É um costume arraigado na sociedade”, diz o psiquiatra Arthur Guerra, do Centro de Estudos do Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas. “O álcool aumenta a confiança e o orgulho. Entregar a chave é admitir que não aguenta a barra.” Mudar de atitude já é difícil com fiscalização impecável, campanhas educativas exemplares e leis duríssimas. Imagine sem nada disso. **SP**